

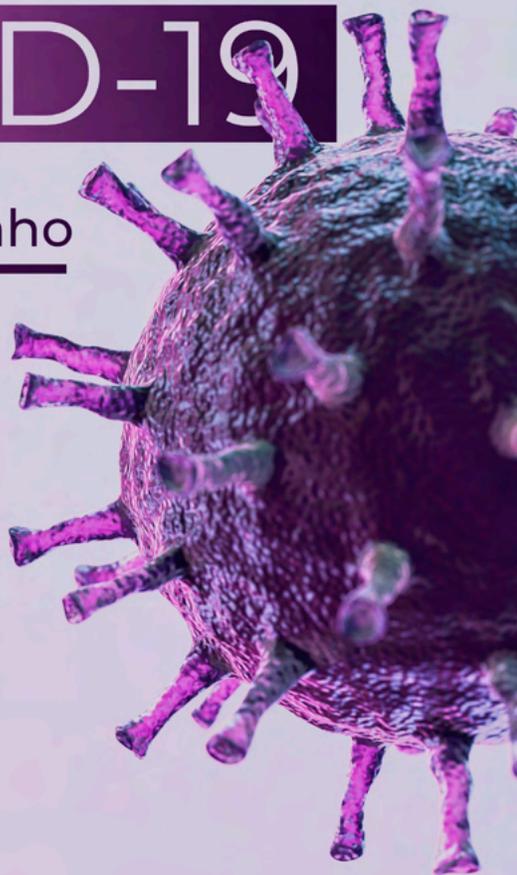
Isabelle Cerqueira Sousa  
(Organizadora)

---

# Aspectos gerais da pandemia de COVID-19

Reflexões a meio caminho

---



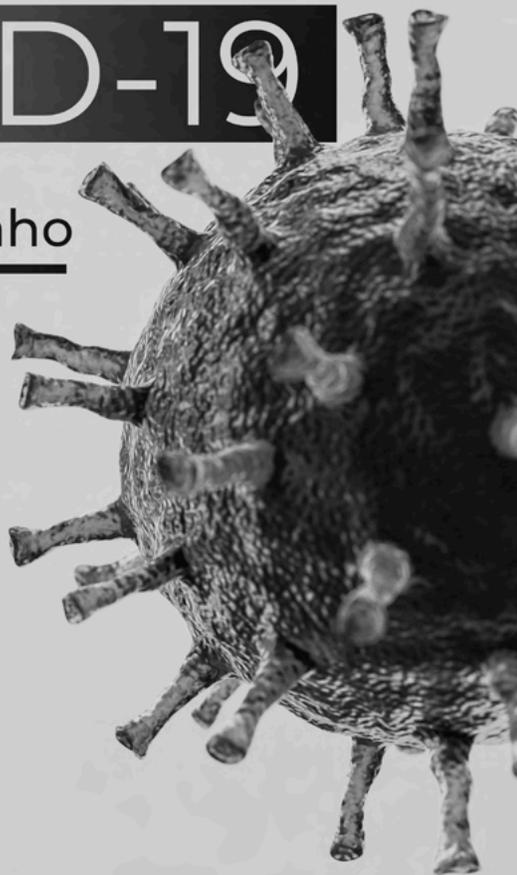
Isabelle Cerqueira Sousa  
(Organizadora)

---

# Aspectos gerais da pandemia de COVID-19

Reflexões a meio caminho

---



 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



## Aspectos gerais da pandemia de COVID-19: reflexões a meio caminho

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Isabelle Cerqueira Sousa

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A838 Aspectos gerais da pandemia de COVID-19: reflexões a meio caminho / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-964-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.643221602>

1. Pandemia - COVID-19. I. Sousa, Isabelle Cerqueira (Organizadora). II. Título.

CDD 614.5

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A pandemia causada pelo novo coronavírus tornou-se um dos grandes desafios do século XXI, pelo desconhecimento com exatidão do padrão de transmissibilidade, infectividade, letalidade e mortalidade, portanto diante do impacto vivido no enfrentamento da pandemia da COVID-19, é importante levar em consideração as informações e os agravos para o planejamento e enfrentamento da doença no Brasil.

Diante de toda essa problemática esse livro objetiva divulgar conhecimentos, informações e experiências, levando em consideração que algumas reflexões estão presentes e outras estão a caminho, no contexto em eu vivemos.

Nesse sentido essa obra apresenta no capítulo 1 - Comparativo evolutivo da Covid-19 no Brasil no primeiro quadrimestre de 2020, apresentando um estudo descritivo retrospectivo, com base nos registros dos casos de COVID-19 divulgados nos Boletins Epidemiológicos, publicados pelo Ministério da Saúde em 2020. O capítulo 2, explana sobre Covid-19 no estado do Rio de Janeiro, trazendo uma análise descritiva dos indicadores epidemiológicos, no sentido de analisar epidemiologicamente a evolução da pandemia do novo coronavírus, SARS-CoV-2, no período de fevereiro a novembro de 2020.

O Capítulo 3 – apresenta a realidade do trabalho feminino nos tempos da pandemia da Covid-19 no Brasil, partindo de um estudo advindo do Projeto de pesquisa intitulado “Coletivo Feminino: o abuso nas relações de trabalho no Brasil”, realizado na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e teve como objetivo traçar os parâmetros de diferenciação entre o mercado de trabalho no Brasil, entre homens e mulheres, durante a pandemia até os dias atuais.

O capítulo 4 – reflete sobre os fatores de risco associados a complicações da Covid-19 em gestantes, no formato de uma revisão narrativa de literatura, dentre dos fatores de risco associados às complicações da COVID-19 com desfecho desfavorável em gestantes, destacam-se a idade maior que 35 anos, obesidade, existência de comorbidades prévias, adquirir a doença no terceiro trimestre e aumento de trabalho de parto prematuro.

Não podendo deixar de informar a atuação muito importante do enfermeiro, teremos dois capítulos dedicados a esse tema, sendo o Capítulo 5: sobre os estudos do Contributo do enfermeiro especialista no âmbito do desenvolvimento infantil no impacto da Covid-19 na infância, tendo como objetivo: analisar a evidência científica disponível sobre os contributos da intervenção do enfermeiro especialista no âmbito do desenvolvimento infantil tendo em conta o impacto da COVID-19, na infância. E o Capítulo 6 – Assistência de enfermagem ao idoso com covid-19: um relato de experiência, pois a população idosa tem sido a de mais vulnerabilidade à doença e evolução para óbitos, sobretudo portadores de comorbidades.

A seguir o Capítulo 7: aborda um Estudo caso: a Artrite Reumatoide e Covid, a pandemia do SARS-CoV-2 pode gerar em algumas pessoas infectados pelo coronavírus, uma predisposição para artrite reumatoide, desse modo, o relato do caso apresenta um

quadro de artrite reumatoide desenvolvida 10 dias após a infecção pelo SARS-CoV-2, em paciente previamente sem doenças autoimunes.

O Capítulo 8 apresenta - os desafios de uma Empresa de Transporte de Petróleo no período da pandemia da Covid-19, a pesquisa investigou o índice da SARS-CoV-2 (COVID-19) em trabalhadores da empresa de transporte de petróleo da região nordeste (Brasil), através de testes rápidos, os fatores sociodemográficos e os fatores econômicos.

O Capítulo 9 – apresenta uma análise das séries temporais aplicadas na previsão de lucros de uma empresa de transporte no período pré e pós-pandemia Covid-19, propõe uma série temporal de análise dos dados do período de pandemia, reflete sobre os resultados de uma análise financeira com dados históricos reais de uma empresa de transporte de cargas.

A seguir no Capítulo 10, temos uma investigação teórica/prática da eficácia e durabilidade dos materiais têxteis antivirais no combate à pandemia da COVID-19, os leitores terão a oportunidade de fazer uma leitura rica em informações sobre a matéria prima para o fornecimento de equipamento de proteção individual (EPI), principalmente máscaras, item que se tornou indispensável para a população no período atual, tendo em vista que além de produções industriais, máscaras começaram a ser produzidas de modo caseiro. Com o agravamento da pandemia e o surgimento de novas variantes do vírus, conhecer a eficácia dos tecidos antivirais usados na confecção de EPIs é de suma relevância.

O Capítulo 11, tem como título: *Compliance* como ferramenta para enfrentamento da pandemia (COVID-19). Com origem no verbo inglês “*to comply*”, que pode ser traduzido como: cumprir, obedecer, estar de acordo, define-se Compliance como seguir as leis, normas e procedimentos internos das organizações, além de parcerias éticas, seja com o setor público ou privado e seus fornecedores. Esse capítulo apresenta através de pesquisa bibliográfica, legislativa e jurisprudencial, as boas praticas com uso de bibliográfica e estudo documental, no intuito de analisar os impactos da decretação de calamidade pública no país, em razão da pandemia decorrente da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19), avaliando as consequências de possível flexibilização de procedimentos e regras, extremamente necessárias ao controle da gestão pública, como no caso das normas que tratam da transparência e do acesso à informação.

Diante da grande importância de contribuir para os avanços da saúde da população, a Atena Editora através deste E-book proporciona a divulgação de conhecimentos, estudos e pesquisas, numa ampla contextualização da problemática da pandemia causada pelo Coronavírus, e portanto esse compartilhamento transcendem a comunidade acadêmica e científica, pois permite que a sociedade também possa usufruir desse ativo intelectual.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### COMPARATIVO EVOLUTIVO DO COVID-19 NO BRASIL: PRIMEIRO QUADRIMESTRE DE 2020

Isis Michelle Pereira de Castro

Daylane Fernandes da Silva

Maria Liz Cunha de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216021>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

#### COVID-19 NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DOS INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS ATÉ A SEMANA EPIDEMIOLÓGICA 44

Julia Schubert Sengl de Souza

Marina da Rosa Castanheira

Nathália Neves Duarte

Paula Wildner

Victor Goni Rodrigues

Danúbia Hillesheim

Ana Luiza Curi Hallal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216022>

### **CAPÍTULO 3..... 25**

#### A REALIDADE DO TRABALHO FEMININO NOS TEMPOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Verônica Azevedo Wander Bastos

Priscilla Nóbrega Vieira de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216023>

### **CAPÍTULO 4..... 36**

#### FATORES DE RISCO ASSOCIADOS A COMPLICAÇÕES DA COVID-19 EM GESTANTES: UMA REVISÃO NARRATIVA

Priscila Antunes de Oliveira.

Simone Ferreira Lima Prates

Leonice Somavila

Janaína Marques de Almeida

Nélia Cristiane Almeida Caldeira

Mônica Thaís Soares Macedo

Carolina Amaral Oliveira Rodrigues

Daniela Márcia Rodrigues Caldeira

Juliana Andrade Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216024>

### **CAPÍTULO 5..... 45**

#### CONTRIBUTO DO ENFERMEIRO ESPECIALISTA NO ÂMBITO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO IMPACTO DA COVID-19 NA INFÂNCIA

Josiane Santos Brant Rocha

Maria Antónia Fernandes Caeiro Chora  
Andreia Sofia Alves Antunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216025>

**CAPÍTULO 6..... 55**

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO IDOSO COM COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Ana Patrícia do Egito Cavalcanti de Farias  
Anna karine Dantas de Souza  
Maria de Fátima Oliveira da Silva  
Pauliana Caetano Lima  
Ronaldo Bezerra de Queiroz  
Vanessa Juliana Cabral Bruno de Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216026>

**CAPÍTULO 7..... 63**

**ARTRITE REUMATOIDE E COVID-19: UM RELATO DE CASO**

Douglas Carlos Tuni  
Fernanda Adélia Daga  
João Carlos Menta Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216027>

**CAPÍTULO 8..... 69**

**PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES CARDÍACAS E PREDITORES ENZIMÁTICOS DE LESÃO MIOCÁRDICA EM PACIENTES COM COVID-19**

Paulo Bassi Martini  
Guilherme Henrique Argentino de Oliveira  
Isadora Moraes Campos Souza  
Neire Moura de Gouveia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216028>

**CAPÍTULO 9..... 92**

**SÉRIES TEMPORAIS APLICADAS NA PREVISÃO DE LUCROS DE UMA EMPRESA DE TRANSPORTE NO PERÍODO PRÉ E PÓS-PANDEMIA COVID-19**

Marta Rúbia Pereira dos Santos  
Márcio Mendonça  
Carlos Alberto Paschoalino  
Wagner Fontes Godoy  
Fábio Rodrigo Milanez  
Emanuel Ignacio Garcia  
Marco Antônio Ferreira Finocchio  
José Augusto Fabri  
Francisco de Assis Scannavino Junior  
Célia Cristina Faria  
Edson Luis Bassetto  
Ivan Rossato Chrun

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6432216029>

<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>100</b>
<b>INVESTIGAÇÃO TEÓRICA/PRÁTICA DA EFICÁCIA E DURABILIDADE DOS MATERIAIS TÊXTEIS ANTIVIRAIS NO COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19</b>	
Ronaldo Salvador Vasques Nathália dos Anjos Leme Eliane Pinheiro Fabrício de Souza Fortunato Márcia Regina Paiva de Brito	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160210">https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160210</a>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>111</b>
<b>COMPLIANCE COMO FERRAMENTA PARA ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA (COVID-19)</b>	
Thaísia Silva de Sousa Samira Monayari Bertão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160211">https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160211</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>116</b>
<b>OS DESAFIOS DE UMA EMPRESA DE TRANSPORTE DE PETRÓLEO NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19</b>	
Isabelle Cerqueira Sousa Kátia Regina Araújo de Alencar Lima Tallys Newton Fernandes de Matos Ana Maria Fontenelle Catrib	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160212">https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160212</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>123</b>
<b>ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE DRONES NA DISTRIBUIÇÃO DE VACINAS NO CENÁRIO BRASILEIRO DE PANDEMIA</b>	
Jardel Vilarino Santos da Silva Ana Paula de Oliveira Pinto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160213">https://doi.org/10.22533/at.ed.64322160213</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>137</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>138</b>

# CAPÍTULO 3

## A REALIDADE DO TRABALHO FEMININO NOS TEMPOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

*Data de aceite: 01/02/2022*

*Data de submissão: 03/12/2021*

### **Verônica Azevedo Wander Bastos**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro  
<http://lattes.cnpq.br/7262588693472511>

### **Priscilla Nóbrega Vieira de Araújo**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro  
<http://lattes.cnpq.br/6686278186311678>

**RESUMO:** Com o surgimento da COVID-19, muitas situações de desigualdade foram agravadas no Brasil. As questões de violência doméstica, o aumento da desigualdade social, o aumento do número de pessoas em condições de miserabilidade nas ruas, de desempregados e das diferenças salariais de gênero, estão entre os agravamentos mais sérios, com resultados negativos significativos. A presente pesquisa, advinda do projeto de pesquisa intitulado “Coletivo Feminino: o abuso nas relações de trabalho no Brasil”, realizado na UNIRIO, tem como objetivo traçar os parâmetros de diferenciação entre o mercado de trabalho no Brasil, entre homens e mulheres. Conforme visto neste estudo, dado o isolamento social, muitas mulheres tiveram um aumento significativo em seu trabalho não remunerado, desenvolvendo suas atividades não apenas em seu labor e as

atividades “normais” em seu lar, como também um maior acompanhamento educacional de seus filhos. O número de mulheres atuantes nessa situação é, em média, três vezes maior do que a participação masculina. Além disso, também em função do isolamento social, verificamos um aumento significativo de casos de violência contra a mulher e feminicídio, isto levando em consideração casos denunciados e conhecidos. Além de toda a dificuldade, já conhecida, para a mulher fazer a denúncia de violência sofrida, o isolamento trouxe uma maior dificuldade para que muitas saíssem de seus lares a fim de denunciar, seja pela exposição ao vírus ou por se sentir refém em seu próprio lar. Para a realização deste estudo, utilizamos o método quantitativo, buscando estatísticas, notícias e artigos, além de pesquisa em bibliografia específica. Como o estudo ainda está em andamento, não foi possível uma conclusão, mas podemos verificar que a pandemia não alterou o quadro de desigualdade de gênero do mercado de trabalho no Brasil, o que ocorre é um agravamento da disparidade que já existe pelo isolamento social e suas consequências.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulher; coronavírus; pandemia; trabalho; desemprego.

### THE REALITY OF FEMALE WORK IN THE TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL

**ABSTRACT:** With the appearing of COVID-19, many circumstances of inequality were aggravated in Brazil. Domestic violence issues, rising inequality, growing numbers of unemployed people and people living in unhuman conditions

on the streets, besides the gender pay gaps are among the most serious aggravations with significant negative results. This current study, based on the research project entitled *Coletivo Feminino: o abuso nas relações de trabalho no Brasil*, and conducted at UNIRIO University, aims to investigate the offset parameters between men and women in the labor market in Brazil. As seen in this study, due to the social isolation, the non-paid work for women increased. These women start doing activities, not only regarding their career or typical housework, but they also start following more closely their children's education. The number of women working in these circumstances is, on average, three times higher than male number. Furthermore, also due to social isolation, we found a significant increase in cases of violence against women and in the femicide statistics, considering reported and known cases. In addition to all the known difficulties for women to denounce the abuses, social isolation improved the difficulties to leave their homes in order to report the aggressor, either by exposure to the virus or the feeling of being hostage at their own home. For this study, we applied the quantitative method, based on news, articles and researches in specific indices. Due to the study's ongoing status, it wasn't possible to draw a conclusion yet, but we can verify that the pandemic didn't change the gender inequality of the labor market in Brazil, but it is making the disparity that already exists worse as a result of social isolation and its consequences.

**KEYWORDS:** woman; coronaviruses; pandemic; work; unemployment.

## 1 | INTRODUÇÃO

O novo coronavírus (COVID-19) surgiu em 2019, em março de 2020 a pandemia foi oficialmente anunciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e, desde então, os impactos na economia e na saúde pública têm sido devastadores. A suspensão e queda de atividades foi um forte golpe na economia e provocou o índice recorde de desemprego no Brasil, que de 11,9% em 2019, atingiu 13,5% em 2020, segundo a Agência Brasil. Além disso, a taxa média de informalidade também teve um declínio que não representa um maior número de trabalhadores no mercado formal, mas um aumento de trabalhadores informais sem ocupação.

O distanciamento social foi apresentado como forma de conter o avanço do vírus, alterando completamente a rotina de milhões no mundo inteiro. Entretanto, os efeitos da crise não foram os mesmos para todos os trabalhadores, de modo a atingir de maneira mais gravosa aqueles que normalmente já se encontram em situação de desigualdade no mercado, como é o caso das mulheres brasileiras. A partir do entendimento de que o lugar ocupado pelas mulheres no meio trabalhista pertence à realidade distinta dos homens, o artigo objetiva compreender os impactos da pandemia de COVID-19 nesse contexto.

A crise apenas acentuou a desigualdade de gênero que sempre esteve presente no mercado de trabalho. Segundo levantamento feito pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), 12 milhões de mulheres perderam o emprego na América Latina e no Caribe. No Brasil os dados refletem o mesmo cenário. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)

identificou que, em relação ao ano anterior, 8,5 milhões de mulheres deixaram o mercado de trabalho no terceiro trimestre de 2020. A taxa de desemprego de homens no período foi de 12,8%, enquanto a de mulheres chegou a 16,8%. Sendo feito um recorte racial, o número é ainda maior para mulheres negras, chegando a 19,8%.

Os números escancaram uma realidade que sempre existiu, mas que atualmente se mostra ainda mais incontestável por consequência de fatos já conhecidos. Homens e mulheres costumam ter ocupações distintas, de modo que além de ter remuneração inferior, a mão-de-obra feminina é menos encontrada em funções de maior poder e autonomia. As mulheres são responsáveis pela maior parte do trabalho não remunerado que envolve o cuidado da casa, de crianças e idosos. Normalmente essa discrepância já possui efeitos negativos, mas sem dúvidas houve uma potencialização do problema em decorrência do isolamento social e a adaptação do trabalho para *home office*. Além disso, houve aumento de casos de violência doméstica durante a pandemia, fator que, não há dúvidas, influencia tanto no trabalho doméstico quanto no emprego dessas mulheres.

O artigo tem como objetivo examinar o verdadeiro impacto da crise sanitária no trabalho das mulheres e, conseqüentemente, em suas vidas. O estudo faz parte de um projeto de pesquisa que se dedica à análise do abuso contra as mulheres nas relações de trabalho no Brasil, portanto, será objeto de exame não somente o quadro atual, mas as possíveis causas para que a pandemia represente uma ameaça desigual para homens e mulheres.

## **2 | MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL: UM PANORAMA GERAL ENTRE HOMENS E MULHERES**

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população desempregada não é formada por aqueles que não possuem emprego, a entidade define, na verdade, como “desocupadas” todas às pessoas acima de 14 anos que, apesar de não se encontrarem trabalhando, estão disponíveis e à procura de trabalho. Dessa forma, excluem-se os universitários e as donas de casa que não exercem trabalho fora do lar, por exemplo.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) faz o acompanhamento das flutuações trimestrais de dados básicos de desenvolvimento socioeconômico, entre eles, os valores referentes a trabalho. Para que possamos entender as consequências da pandemia de Covid-19 no que tange o mercado de trabalho para as mulheres no Brasil é necessário, em primeiro lugar, analisarmos as estatísticas sociais de período compreendido entre os anos de 2018 e 2019, anteriores à influência do vírus.

De acordo com a PNAD, no quarto trimestre de 2018, ainda que 52,4% da população com idade para trabalhar fosse feminina, somente 45,6% da população ocupada era formada por mulheres. No mesmo ano, segundo o IBGE, as mulheres com idade entre 25 e 49 anos possuíam renda média de R\$ 2,050,00 (dois mil e cinquenta reais), enquanto

para homens da mesma faixa etária o valor seria de R\$ 2.579,00 (dois mil, quinhentos e setenta e nove reais). No quarto trimestre do ano de 2019 os números mudam um pouco, mas a desigualdade permanece, apresentando uma porcentagem de 44,1% da população ocupada representada por mulheres. Com relação à média salarial, em 2019 as mulheres ganharam, em média, R\$ 1.958,00 (um mil, novecentos e cinquenta e oito reais) contra R\$ 2.945,00 (dois mil, novecentos e quarenta e cinco reais) dos homens, uma diferença salarial ainda mais acentuada pela diferença de gêneros.

É possível perceber que além de preencher menos espaço no mercado de trabalho, as mulheres representam mão de obra desvalorizada em relação aos homens não só pela média salarial mais baixa, mas também pelo valor médio da hora trabalhada, que para os homens seria de R\$14,20 (quatorze reais e vinte centavos), enquanto para as mulheres o valor era de R\$13,00 (treze reais) em 2018.

A desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho é estrutural e se apresenta desde a contratação até a maior presença de mulheres em trabalhos normalmente evitados, como insalubres e informais, já que o mercado formal e as vagas mais “desejadas” não absorvem satisfatoriamente essa população.

Nessa toada, outra expressão de desigualdade é encontrada ao observar a configuração de cargos de liderança. Em 2018, o portal G1 publicou uma matéria sobre a participação de mulheres em cargos gerenciais com base no PNAD Contínua, trazendo o dado de que somente 37,8% das posições de liderança eram ocupadas por mulheres no ano de 2016. Foi demonstrado, inclusive, esse número representa uma queda, já que nos anos anteriores as porcentagens eram de 39% em 2015 e 39,5% em 2012. Segundo o G1, a explicação do IBGE para tais números, à época, foi a crise econômica, também chamada “a grande recessão brasileira”.

Por outro lado, é necessária a análise sob a perspectiva de que a situação de desequilíbrio entre oportunidades e garantias de direitos persiste e é acentuada a partir de quaisquer influências do mercado. Em 2016 teria sido uma crise econômica, 5 anos após, vivemos outra crise desencadeada pela pandemia de Covid-19 e temos o mesmo quadro problemático, apesar da distinção das causas da crise atual e a anterior mencionada. Para o IPEA, a principal diferença entre as crises é que nesta última, em um panorama geral, a transição dos ocupados foi em direção à inatividade e não somente ao desemprego, apresentando um quadro ainda mais preocupante.

### **3 | CONTEXTO DA PANDEMIA**

#### **3.1 Acentuação geral da desigualdade**

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), uma das prioridades no processo de recuperação do mercado de trabalho após a pandemia de Covid-19 seria a necessária e urgente criação e implementação de políticas públicas em prol da igualdade

de gênero. Essa constatação é fruto do impacto desproporcional que a pandemia vem causando em homens e mulheres, aumentando o desequilíbrio de oportunidades. A OIT informou que, em 2020, a participação das mulheres no mercado de trabalho caiu 5,4 pontos percentuais, o que significa que 12 milhões de mulheres foram vítimas da eliminação de empregos. De acordo com o último Panorama Laboral da OIT para América Latina e Caribe, alguns dos setores mais afetados pela crise foram os que havia mais participação de mulheres, dada sua natureza, tais como os serviços de hotelaria, comércio e o trabalho doméstico remunerado, mais um fator que explica a maior desvantagem feminina no mercado de trabalho.

A maior afetação das mulheres a partir de áreas específicas de trabalho está relacionada à “divisão sexual do trabalho”. Os princípios explicitados por Danièle Kergoat e Helena Hirata em seu artigo “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho” ilustram perfeitamente os fundamentos das desigualdades aprofundadas no contexto da pandemia, que envolvem uma ideia de separação de trabalhos para homens e trabalhos para mulheres além da imposição de uma hierarquia que define que o trabalho do homem vale mais.

O “Relatório Especial Covid-19 N° 9: A autonomia econômica das mulheres na recuperação sustentável e com igualdade”, divulgado em fevereiro pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) aponta que a pandemia significou, até o momento, um retrocesso de mais de 10 anos no que tange a participação das mulheres no mercado de trabalho. Segundo o jornal português Público, Instituto Europeu da Igualdade de Gênero (EIGE) não trouxe informações discrepantes sobre o assunto, mostrando que a discrepância entre homens e mulheres no mercado de trabalho não é exclusividade dos países latino-americanos. Segundo o EIGE, os países mais impactados são: Espanha, Bélgica, Irlanda, Itália e Portugal. Em Portugal, segundo o periódico, o número de mulheres que passam do desemprego para a inatividade é consideravelmente maior que o dos homens. Além disso, a matéria explica como antes do isolamento, muito se falava sobre as vantagens do teletrabalho e suas possíveis contribuições para a conciliação entre o trabalho, a vida pessoal e o convívio familiar, mas, ainda que em diferentes proporções, o país também chegou à conclusão de que os impactos negativos da modalidade afetam de maneira mais penosa às mulheres.

No Brasil, a PNAD Contínua apontou que entre 2019 e 2020, a porcentagem de mulheres ocupadas caiu 3 pontos, significando a perda de ocupação de 5,7 milhões de brasileiras, além de 504 mil que sofreram com o desemprego em si e da queda do trabalho informal em torno de 2,7 milhões. De acordo com a InfoMoney, em fevereiro de 2021: “a participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos”, informação também divulgada em manchete pelo Estadão.

Com base na PNAD Contínua, o IPEA publicou um artigo que mapeou as desigualdades no mercado de trabalho durante a pandemia indicando que em uma comparação entre o segundo trimestre dos anos de 2019 e 2020, a taxa de ocupação de

mulheres caiu de 46,2% para 39,7%, enquanto a dos homens foi de 64,8% para 58,1% nos respectivos anos. No mesmo período, a taxa de desemprego entre homens e mulheres subiu 1%, informação que não parece demonstrar desigualdade, mas há, já que a participação das mulheres é menor, então apesar de haver a mesma variação percentual, em termos de quantidade de indivíduos, há sim um desequilíbrio.

### 3.2 O trabalho não remunerado em tempo integral

Além das diversas formas de discriminação e assédio vividos pelas mulheres no contexto laboral, o trabalho não remunerado é fator determinante para a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Segundo relatório de 2020 da ONG Oxfam, 75% do trabalho de cuidado não remunerado é exercido pelas mulheres ao redor do mundo, o que as leva a reduzir a jornada em seus empregos ou até mesmo a se dedicar exclusivamente a esses cuidados, dada falta de opções, fato refletido na estatística de 42% de mulheres sem emprego por conta dessa responsabilidade. No Brasil, a PNAD Contínua ainda em 2018 comprovou que as mulheres despenderiam 18,5 horas de sua semana comprometidas com afazeres domésticos, enquanto os homens teriam 10,3 horas tomadas por semana. Essa carga horária foi identificada entre aqueles que possuem trabalho, entre não ocupados, a diferença é ainda maior, alcançando quase o dobro (12 horas para homens e 23,8 horas para mulheres).

Em 2019, a PNAD Contínua sobre Outras Formas de Trabalho elucidou a questão da chamada “face invisível” da desigualdade, que influenciam desde o ingresso no mercado de trabalho, conforme já mencionado, em sua permanência e saída do mesmo. De acordo com a pesquisa, 85,7% da população brasileira seria responsável por afazeres domésticos e, nesse contexto, a população feminina representou incríveis 92,1%, contra 78,6% dos homens. A desigualdade, nesse sentido, é maior na Região Nordeste (91,4% para mulheres e 76,9% para homens) e menor na Região Sul (93,6% mulheres e 84% homens). Entrevistada pela Agência Brasil, a economista Alessandra Brito associou as diferenças regionais à escolaridade, que modifica a mentalidade do homem, tornando-o mais propenso às atividades do lar.

Além de afazeres domésticos básicos, as mulheres também são responsáveis por outras pessoas além delas mesmas: 36,8% da população feminina têm, entre suas funções, o cuidado de crianças, pessoas enfermas, idosos e pessoas com deficiência, enquanto a população masculina possui 25,9% de indivíduos com a mesma atribuição. A PNAD destacou que entre os 25 e os 49 anos de idade há maior presença da incumbência, provavelmente explicada pela criação dos filhos.

As organizações “Gênero e Número” e Sempre Viva Organização Feminista (SOF), realizaram a pesquisa “Sem Parar” sobre os efeitos da pandemia e do isolamento social na vida das mulheres, principalmente em seu trabalho. O estudo foi feito a partir de um questionário online, que contou com 2.676 respostas. Através das respostas contabilizou-

se que, no Brasil, cerca de 50% das mulheres passaram a cuidar de outra pessoa na pandemia (variando entre 46% para mulheres brancas e 52% para mulheres negras). Entre a totalidade de mulheres responsáveis pelos cuidados de outras pessoas, 72% afirmaram que o isolamento implicou em maior necessidade de monitoramento e companhia.

O cuidado com os filhos, por exemplo, que cabe quase que exclusivamente para mulher, herança de uma cultura patriarcal, deixou de ser uma responsabilidade para parte do dia e se tornou integral a partir do momento em que foi determinada a suspensão de aulas presenciais. Nesse caso, além da supervisão rotineira, as mulheres tornaram-se responsáveis por garantir que as crianças assistam às aulas do ensino à distância independente de seus próprios empregos. Como diz Maria Valério Junho Pena (*Mulheres e Trabalhadoras*, p. 73):

O trabalho doméstico está no cerne da opressão feminina e enquanto o casamento incluí-lo como um mecanismo, através do qual serviços são prestados gratuitamente e crianças geradas e criadas, tendo uma mulher como responsável, a opressão dessa, com ou sem propriedade, com ou sem alternativa de um trabalho assalariado, parece inevitável.

Outro exemplo claro está na mudança em alguns métodos de execução de tarefas que já existiam: houve recomendações de autoridades sanitárias no sentido de limpeza total de produtos adquiridos, assim como o cuidado com a roupa e o calçado que teriam sido usados em espaços públicos ao entrar em casa. É evidente que tal tarefa passaria a existir no novo contexto, a questão é que a divisão desequilibrada de tarefas ou a “divisão sexual do trabalho” (HIRATA E KERGOAT, 2007, p. 596) implica numa maior atribuição dessa tarefa às mulheres. Por conta disso, a divisão entre o que seria o tempo do trabalho remunerado e o tempo do trabalho não remunerado foi apagada, de modo que a rotina se tornasse uma só, sendo resultado da tentativa de conciliação entre as demandas internas e externas.

Ainda em setembro de 2020, aproximadamente 6 meses após o início do isolamento social na maior parte dos estados do Brasil, o jornal Extra publicou uma matéria sobre a transformação das jornadas de trabalho das mulheres em “duplas ou triplas”, por conta do acúmulo de tarefas profissionais, da casa e dos filhos. Hildete Pereira, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora de gênero e economia, afirmou para o jornal:

As mulheres são tão socializadas com o cuidado que, mesmo as que rompem as barreiras e conseguem ir ao mercado de trabalho, carregam a responsabilidade de administrar a casa — diz a pesquisadora: — E esse trabalho não remunerado é o que permite que as pessoas existam e não adoçam. Imagine quanto se gostaria, se fosse preciso pagar por serviços feitos “por amor”?

O Instituto Tricontinental de Pesquisa Social elaborou o dossiê “CoronaChoque e Patriarcado”, em novembro de 2020, e fez uma colocação exata sobre a acentuação das

desigualdades de gênero no mercado de trabalho aliada ao trabalho não remunerado:

A realização de trabalhos que exigem alta concentração, por exemplo, não combina com uma rotina de interrupções. Após a implementação de medidas de isolamento em diversas partes do mundo, equipes editoriais de publicações científicas têm noticiado uma queda acentuada na quantidade de submissões de artigos assinados por mulheres em todo o mundo, enquanto as publicações dos homens aumentaram em quase 50%.

A sobrecarga de funções que já existiam aliadas às dificuldades trazidas pelo isolamento social trouxe consequências para a saúde das mulheres. Segundo estudo feito pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, a pandemia teve impacto emocional maior entre mulheres, com altos números de depressão, ansiedade e estresse que foram atribuídos, principalmente, à jornada exaustiva dos trabalhos (remunerado e não remunerado). O teletrabalho se tornou uma opção mais segura e, por vezes, até mesmo mais barata para o empregador que deixa de ter demandas como a manutenção de instalações e gastos com locomoção de funcionários. Por outro lado, basta um olhar um pouco mais atento para perceber que, para as mulheres, o *home office* se mostrou um cenário mais hostil para a rotina laboral.

### 3.3 *Home office* e o aumento da violência doméstica

Em 2019, a BBC News Brasil divulgou o resultado de um levantamento encomendado pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) ao Datafolha com intuito de analisar os dados da violência contra mulheres no Brasil. Naquele ano, 42% dos casos de violência contra a mulher aconteceram dentro de seus próprios lares. Em 2018, a FBSP divulgou números não menos alarmantes referentes ao ano anterior: o Brasil testemunhava, em média, 606 casos de violência doméstica por dia e uma média também diária de 530 mulheres que acionaram a lei Maria da Penha naquele ano.

A violência doméstica no Brasil sempre preocupou e durante a pandemia não seria diferente. O isolamento social agrava consideravelmente a dura realidade de mulheres que não têm, em suas casas, um lugar seguro. A 3ª edição da pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” do FBSP em 2021 já trouxe a realidade no contexto da pandemia: uma em cada quatro mulheres afirmou ter sido vítima de violência ou agressão durante a pandemia e a estatística de brasileiros que afirma já ter presenciado uma mulher sofrer violência em sua vizinhança é de 51,1%. A pesquisa utiliza um espaço amostral da população adulta de todas as classes sociais com 16 anos ou mais e informa que aproximadamente 8 mulheres são fisicamente agredidas por minuto na pandemia.

Segundo o FBSP, ainda em abril de 2020, ou seja, somente no primeiro mês de isolamento social, a quantidade de atendimentos de socorro necessários saltou de 6.775 do mesmo período no ano anterior para 9.817 e foi acompanhada pela quantidade de feminicídios que aumentou 46,2%. Em São Paulo, a Polícia Militar teve um aumento 44,9%

nas solicitações de atendimento no mesmo período.

Além de todos os fatores da desigualdade já mencionados aliados ao trabalho não remunerado, durante a pandemia, constantemente as mulheres também fazem parte de uma luta diária pela sobrevivência. Os dados são estarrecedores, mas existe a subnotificação de casos que nos faz questionar qual o nível real de violência sofrida por mulheres no Brasil. Se normalmente as mulheres já possuem dificuldade formalizar denúncia seja por medo ou pela ideia de que não há solução, durante a pandemia essa dificuldade aumenta consideravelmente em virtude do isolamento e a maior proximidade com seu agressor.

Se por um lado o isolamento social é a forma mais eficaz de se combater a propagação do vírus que, até o momento do fechamento deste artigo, alcançava a marca de 589 mil vítimas fatais dentre 21 milhões de casos, por outro, temos mulheres confinadas no ambiente de maior risco às suas vidas: suas casas.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mercado de trabalho, não apenas no Brasil, mas em diversas partes do mundo, sempre tratou de forma desigual mulheres e homens. Desde o processo seletivo, a realização das tarefas e, principalmente o valor salarial, sempre priorizou a mão-de-obra masculina em detrimento da mão-de-obra feminina. Mulheres que além da carga horária normal de trabalho, essa remunerada, mantém um segundo horário de labor, em seus lares, sem qualquer remuneração e reconhecimento, herança de uma cultura de dominação patriarcal que carregamos há muitos anos.

Com o surgimento da COVID-19 tivemos o agravamento das diferenças de gênero no mercado de trabalho, em que mais mulheres perderam seus empregos ou tiveram uma diminuição significativa em sua renda, além do surgimento de uma terceira carga horária de trabalho com o ensino remoto e a necessidade de muitas mães atuarem ativamente na educação de seus filhos.

Não podemos nos esquecer do aumento dos diversos casos de violência doméstica e feminicídio durante a pandemia, uma vez que o isolamento social e a necessidade de se proteger do vírus e suas consequências, fez com que muitas mulheres permanecessem em *home office*, reféns de seus companheiros e daqueles em quem mais confiavam. Ressaltamos que no presente estudo citamos casos denunciados e conhecidos, mas não podemos afirmar que condizem com a realidade, dado o conhecimento das muitas dificuldades em denunciar, o que, possivelmente, diminuiu o número de ocorrências, já que muitas mulheres permaneceram isoladas, seja por estarem sob o julgo de seu dominador, seja pelo medo de exposição do vírus e a possibilidade de óbito.

Como o estudo ainda não foi concluído, apresentamos no presente artigo algumas das muitas consequências que a pandemia da COVID-19 trouxe às mulheres em suas funções laborais. Podemos afirmar que houve um agravamento bastante significativo de

casos de demissões e diminuição de valores salariais para as mulheres, mesmo havendo um aumento de seu trabalho, principalmente em seu lar, que infelizmente não é reconhecido e, por isso, não é remunerado, agravando, ainda mais, a diferença de gêneros no mercado de trabalho no Brasil.

## REFERÊNCIAS

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Informe Especial COVID-19, N° 9. Santiago, 2021.

DA SILVA, Vitória Régia; LEÃO, Natália. **Na pandemia, mulheres ficam mais vulneráveis e são maioria entre desempregados**. 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/mulheres-trabalho/>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

FERREIRA, Ivanir. **Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia**. São Paulo, 9 fev. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FIGUEIREDO, Odail. **Com menos trabalho e mais tarefas domésticas, pandemia penaliza mais as mulheres**. 9 maio 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/05/4923179-com-menos-trabalho-e-mais-tarefas-domesticas-pandemia-penaliza-mais-as-mulheres.html>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

FONSECA, Mariana; SUTTO, Giovanna. **Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos – e a pandemia é parte do problema**. São Paulo, 4 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/carreira/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-e-a-pandemia-e-parte-do-problema/>>. Acesso em: 9 set. 2021.

GANDRA, Alana. **IBGE: mulher tem peso importante no chamado “trabalho invisível”**. Rio de Janeiro, 4 jun. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2020-06/ibge-mulher-tem-peso-importante-no-chamado-trabalho-invisivel/>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GONZALES, Amelia. **Mulheres fazem 75% de todo o trabalho de cuidados não remunerado do mundo**. 20 jan. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/blog/amelia-gonzalez/post/2020/01/20/mulheres-fazem-75percent-de-todo-o-trabalho-de-cuidados-nao-remunerado-do-mundo.ghtml>>. Acesso em: 1 set. 2021.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. V. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 set. 2021.

**Mercado de trabalho feminino e pandemia: impactos e perspectivas**. 8 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2021/04/mercado-de-trabalho-feminino-e-pandemia-impactos-e-perspectivas/>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO. Panorama Laboral, America Latina y el Caribe. Peru, 2020.

**Pandemia afetou mais o trabalho de mulheres, jovens e negros**. 12 maio 2021. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=37963&Itemid=9](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=37963&Itemid=9)>. Acesso em: 9 ago. 2021.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e Trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. Paz e Terra. São Paulo: 1981.

PEREIRA, Ana Cristina. **Portugal é quinto país da UE com maior impacto da pandemia no mercado de trabalho. Mulheres mais penalizadas.** Público, Portugal, 5 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2021/03/05/sociedade/noticia/portugal-quinto-pais-ue-maior-impacto-pandemia-mercado-trabalho-mulheres-penalizadas-1953022>>. Acesso em: 8 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD:** microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD:** microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD:** microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD:** microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, GÊNERO E NUMERO. **Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** 2020. Disponível em: <<http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SILVEIRA, Daniel. **Cai a participação de mulheres em cargos gerenciais no Brasil em 2016, aponta IBGE.** G1, 7 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/cai-a-participacao-de-mulheres-em-cargos-gerenciais-no-brasil-em-2016-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

TRICONTINENTAL INSTITUTO DE PESQUISA SOCIAL. **CORONACHOQUE e Patriarcado.** n. 4, 5 nov. 2020. Disponível em: <<https://thetricontinental.org/pt-pt/estudos-4-coronachoque-e-patriarcado/>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artrite reumatoide 63, 64, 65, 66, 68

### B

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 42, 43, 44, 58, 61, 64, 68, 69, 90, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 134, 135

### C

Compliance 111, 112, 113, 114, 115

Coronavírus 2, 3, 5, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 37, 38, 40, 41, 55, 56, 57, 61, 63, 70, 72, 82, 88, 89, 90, 91, 111, 115, 117, 118, 119, 120

Covid-19 1, 2, 4, 23, 24, 27, 28, 29, 40, 42, 44, 49, 50, 55, 61, 62, 65, 88, 111, 112, 113

COVID-19 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 133

### D

Desemprego 25, 26, 27, 28, 29, 30, 96

Desenvolvimento infantil 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 137

Diagnósticos de enfermagem 55, 56, 57, 59, 60, 61

Doença 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 24, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 107, 111, 117, 119, 120

### E

Enfermagem 37, 39, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 131

Epidemiologia 1, 12, 14, 15, 95, 99, 119

Equipamento de proteção individual (EPI) 102

Exposição ocupacional 116

### G

Gestante 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

### I

Idoso 55, 56, 58, 61

Infância 45, 46, 47, 48, 49, 50, 137

## **L**

Legislação 111, 112

Lucros na pandemia COVID-19 93

## **M**

Máscaras 5, 10, 100, 108, 109

Mulher 25, 31, 32, 34, 44

## **P**

Pandemia 1, 2, 5, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 61, 63, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 127, 130

Prevenção 1, 8, 9, 10, 12, 21, 24, 42, 45, 48, 52, 53, 58, 59, 73, 91, 100, 103, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 128

Previsão e análise de lucros 93

## **R**

Reumatologia 63, 64, 66, 68

Rio de Janeiro 6, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 61, 62, 110, 122, 137

## **S**

Saúde do trabalhador 116, 121

Saúde pública 1, 3, 5, 9, 12, 16, 21, 24, 26, 38, 56, 57, 110, 113, 114, 117, 122, 137

Séries temporais 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99

## **T**

Têxtil antiviral 100

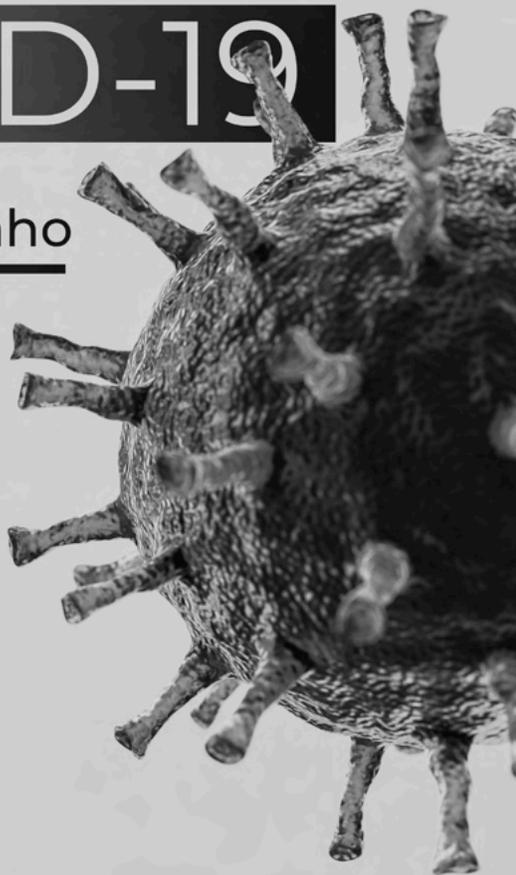
Trabalho 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41, 43, 48, 58, 67, 73, 80, 85, 93, 95, 99, 108, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Aspectos gerais da pandemia de COVID-19

Reflexões a meio caminho

---



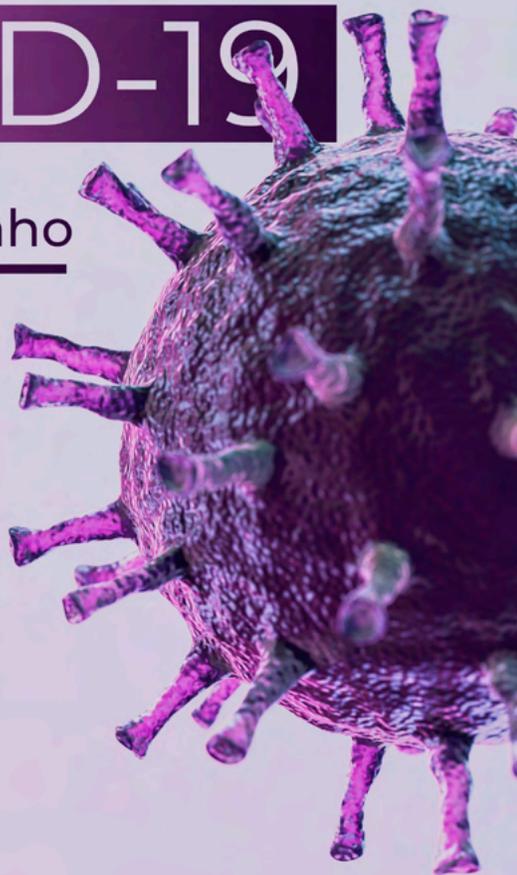
**Atena**  
Editora  
Ano 2022

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Aspectos gerais da pandemia de COVID-19

Reflexões a meio caminho

---



**Atena**  
Editora  
Ano 2022